

INOVAÇÃO ACADÊMICA CRÍTICA: LIVES NA INTERNET E AULAS REMOTAS COMO EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA PANDEMIA

CRITICAL ACADEMIC INNOVATION: INTERNET LIVES AND REMOTE CLASSES AS A PEDAGOGICAL EXPERIENCE IN THE PANDEMIC

Ivo Dickmann 1
Odilon Luiz Poli 2

Resumo: O artigo se investiga as lives na internet que se proliferaram nesse tempo pandêmico que vivemos e seus desdobramentos como aulas remotas na educação básica e no ensino superior. O objetivo principal dessa pesquisa é relacionar aspectos positivos e negativos das lives, tomando-os como desafios e perspectivas de uma educação inovadora crítica nas aulas remotas na universidade e na escola, para sistematizar, a partir da prática, uma reflexão que conduza para um conjunto de indicativos do que veio para ficar na educação pós-pandemia. O trabalho é eminentemente bibliográfico e incorpora a experiência dos autores no ensino superior remoto e síncrono. Os resultados apontam para um conjunto de considerações indicativas que sinaliza a preocupação com as respostas simples para os problemas complexos da educação, mas também percebe que é necessário uma abertura dos educadores para novas práticas que se consolidaram nesse momento da pandemia.

Palavras-chave: Inovação Acadêmica. Pandemia. Ensino Remoto. Lives. Internet.

Abstract: The article investigates the lives on the internet that have proliferated in this pandemic time we live in and their consequences as remote classes in basic education and higher education. The main objective of this research is to relate positive and negative aspects of lives, taking them as challenges and perspectives of an innovative critical education in remote classes at university and school, to systematize, from practice, a reflection that leads to a whole of what is here to stay in post-pandemic education. The work is eminently bibliographical and incorporates the authors' experience in remote and synchronous higher education. The results point to a set of indicative considerations that signal the concern with simple answers to the complex problems of education, but also realize that it is necessary to open up educators to new practices that were consolidated at this time of the pandemic.

Keywords: Academic innovation. Pandemic. Remote Teaching. Lives. Internet.

-
- 1 Doutor em Educação, professor e pesquisador no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1472497660681364>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6293-8382>. E-mail: educador.ivo@unochapeco.edu.br
 - 2 Doutor em Educação, professor e pesquisador no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5600007643427668>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9036-1296>. E-mail: odilon@unochapeco.edu.br

Primeiras palavras...

A partir do momento que, em março 2019, tivemos que nos adaptar à pandemia de Covid-19 e o mundo ficou em alerta global (BRINGEL; PLEYERS, 2020), a educação e a universidade precisaram efetivar um conjunto de atividades que já estavam planejadas. A demanda por aulas, eventos e atividades extracurriculares não parou e, rapidamente, surgiu uma novidade que vem se demonstrando eficaz para a realização desses encontros virtuais: as *lives na internet*.

Se antes desse momento se preconizava a eficiência dos encontros presenciais, agora já não era mais possível se encontrar, pois a regra geral era o que ficou conhecido como distanciamento social. Imediatamente ergueu-se a *hashtag* #FiqueEmCasa como a principal ação para evitar a disseminação do vírus. Nos isolamos, uma semana de dúvida de como seria daquele momento em diante, esperando que durasse aproximadamente uns três meses. E aqui estamos há mais de dois anos.

Na semana seguinte, o *Hangout* virou *Google Meet*. Alguns aderiram ao OBS, outros ao Cisco Webex e ao Zoom. A aula presencial virou aula remota e, aos poucos, tudo foi se reorganizando. A pandemia, nesse sentido, antecipou aquilo que já estava anunciado: uma presença forte e inovadora das tecnologias da informação e comunicação no ambiente universitário/escolar. Os docentes das universidades comunitárias e privadas precisaram se adaptar rapidamente. A demanda do cliente/aluno não podia esperar, em detrimento da sustentabilidade financeira das instituições. Diferente cenário se estabeleceu nas instituições públicas, as quais suspenderam as atividades e estão, agora, retomando com atraso os semestres.

Mas a questão de fundo que move essa reflexão são as vantagens e desvantagens das *lives* nesse tempo de pandemia e os seus desdobramentos das aulas remotas que podem se constituir como tendências de ensino na atualidade (PAZ; ROCHA, 2021). Obviamente que não podemos pensar que elas são a solução simples para um problema tão complexo, haja visto que a demanda por comunicação é diferente da demanda por aprendizado. Porém, não podemos endeusar nem demonizar as tecnologias, pois elas são meios de comunicação e não fins em si mesmas; cabendo a nós fazermos o melhor uso delas. A efetividade desse meio para que os estudantes aprendam, creio eu, será objeto de pesquisas posteriores porque exige certo distanciamento de tempo para uma análise mais sistematizada e científica.

O objetivo principal dessa pesquisa é relacionar aspectos positivos e negativos das *lives*, tomando-os como desafios e perspectivas de uma educação inovadora crítica nas aulas remotas na universidade e na escola, para sistematizar, a partir da prática, uma reflexão que conduza para um conjunto de indicativos do que veio para ficar na educação pós-pandemia. O trabalho é eminentemente bibliográfico, revisando os principais artigos e livros que já foram produzidos sobre o tema da pandemia, sendo que a obra central é de Sousa Santos (2020), pela profundidade da reflexão e a pertinência para a constituição de uma base teórico-prática crítica, mas também incorpora o conjunto de práticas do autor nesse tempo pandêmico com *lives*, aulas remotas, podcast e canal do YouTube, que foram testados no cotidiano de professor universitário numa universidade comunitária do oeste de Santa Catarina.

Nesse movimento reflexivo, o nosso texto se divide em três partes: num primeiro momento apresentaremos as sete vantagens das *lives*, mostrando que é possível utilizá-las para o processo educativo e seus benefícios ao proporcionar os encontros virtuais nesse tempo pandêmico; no segundo momento vamos apresentar os dilemas das *lives*, tendo em vista o cenário brasileiro de exclusão e desigualdades sociais que se desdobra na exclusão do acesso à internet, entre outros aspectos relacionados; para num terceiro momentos de pensamento fazer uma síntese do que seriam as quatro principais inovações acadêmicas que emergiram durante a pandemia e que se afirmaram como possibilidades permanentes para os próximos anos na educação. Ao final, seguem as considerações indicativas para uma educação inovadora crítica, diante de um contexto pós-pandêmico.

“Fala galerinha, tudo beleza?”: Vantagens das *lives* em tempos de educação na pandemia

O movimento de transição da modalidade presencial para o remoto foi inevitável, quando a pandemia foi decretada, pois não era possível simplesmente parar todas as atividades do mundo e a educação, que ainda tem na maioria dos cursos um caráter eminentemente teórico, tem nisso um facilitador. As *lives*, entendidas aqui tanto como os encontros ao vivo das aulas como os momentos pontuais que reuniram pessoas para discutir um tema, assistir um *show*, escutar uma pessoa de referência falar sobre suas pesquisas, enfim, se multiplicaram rapidamente e é possível afirmar que isso não era uma prática corriqueira anterior à pandemia.

Creio que há várias características que permitiram às *lives* se popularizar, e são esses aspectos que vamos analisar na sequência, tentando perceber os potenciais desse modo de comunicação e relação professor-aluno, como um indicativo de catalizador do aprendizado dos estudantes e uma forma atual de gerar engajamento e interação na educação em tempos pandêmicos.

Alcance ilimitado: não há limite para participar de uma *live*, ela pode ser vista em qualquer lugar do planeta, basta um *link* direto com o YouTube ou outra plataforma aberta de acesso gratuito. Isso permite transmitir as ideias e conteúdos para uma quantidade maior de pessoas, simultaneamente, possibilitando um alcance em escala. Há aqui uma quantidade imensa de vantagens, pois o presencial não permite escalar uma ideia, um projeto de forma tão rápida, alcançando pessoas que, talvez, nunca iríamos conhecer e chegando a lugares que provavelmente nunca iremos visitar. Cria-se a ideia de que não há limites, nos tornamos deuses ao usar a tecnologia, somos todo-poderosos com as plataformas (GALLOWAY, 2019).

Gratuidade: apesar da sofisticação do processo, de sua complexidade, vivemos no paraíso do grátis, tudo tende a se tornar gratuito no mundo dos negócios e as plataformas online são empresas que lucram com o uso que fazemos delas todos os dias (ANDERSON, 2009). Não há custo para quem produz o conteúdo e nem para quem acessa as *lives*, ficando salvo o registro da atividade para acesso futuro, sendo os produtores de conteúdos livres para produzirem na quantidade que querem, sem pressão, sem contrato com a plataforma, sem dever nem direito (SLEE, 2017; ANTUNES, 2018).

Não tem censura: esse aspecto é importante. Você pode criar um link no YouTube, por exemplo, chamar quem quiser para falar sobre qualquer assunto. Isso gera diversas possibilidades de disseminação de ideias e projetos periféricos e contra hegemônicos que não tinham espaço nas mídias oficiais há pouco tempo atrás. E, mesmo que se tente esconder alguns discursos críticos, eles emergem virtualmente e são divulgados em grupos de Whatsapp, alcançando pessoas em toda parte do mundo praticamente de forma instantânea. Isso permitiu que novas lideranças surgissem, entre indígenas, populações periféricas, mulheres, comunidades tradicionais e LGBTQI+, entre outras minorias que eram praticamente invisíveis antes das atuais TDICs que emergiram durante a pandemia (SOUSA SANTOS, 2020).

Participação via chat ou por vídeo/voz: esse aspecto precisa ser problematizado, visto que mesmo sendo virtual, há possibilidades reais e eficientes de participação via chat (comentários) ou até mesmo entrando ao vivo e falando com quem está coordenando a atividade, abrindo oportunidades únicas de dialogar com personalidades antes distantes e inacessíveis. Isso garante, em grande medida, a participação de estudantes mais tímidos, que não falam no grupo presencialmente, mas que passaram a participar escrevendo ou falando com a câmera desligada.

Divulgação anterior: como os links de acesso são criados anteriormente ao encontro online, é possível utilizar-se do gatilho da curiosidade – bem como de outros gatilhos para atrair público para seu evento – atraindo a atenção dos estudantes, por exemplo, mostrando parte da aula num vídeo curto no grupo do Whatsapp da turma, fazendo dessas ferramentas uma extensão da sala de aula (LOPES, 2018), ou até mesmo interagir com o grupo de estudantes via um grupo secreto no Facebook, de modo a ampliar a empatia deles com o tema da aula e com o professor, gerando engajamento e aderência ao conteúdo (GUIMARÃES, 2018).

Registro das atividades: como as plataformas salvam os vídeos em seus servidores gigantescos, não há perda do histórico das atividades, ficando armazenados como um registro para ser reproduzido a qualquer tempo, registrando as formas como os temas foram discutidos,

a espontaneidade das falas. Se você é professor pode iniciar o novo semestre oferecendo para a nova turma alguma aula que você considera o ponto de partida para o conteúdo, dinamizando a forma como se relaciona com os estudantes, fazendo vídeos curtos, longos, com um pouco mais de detalhes para atrair a atenção dos estudantes e garantir a participação e o aprendizado (COUTINHO, 2020; MOWAT, 2018). Além disso, o aspecto do registro e sistematização da nossa experiência de professor é uma das coisas que mais negligenciamos enquanto tarefa pedagógica e as plataformas podem contribuir com isso desde já.

Preserva vidas: as *lives* se tornaram a forma mais eficiente de todos ficarem em casa, contribuindo para o isolamento e distanciamento social, preservando a vida das pessoas que convivem conosco, sem que as atividades pedagógicas ficassem acumuladas, redescobrimos ritmos de ensino-aprendizagem, percebendo novos tempos de permanência diante do computador e do celular, aproveitando para usar esses equipamentos para uma causa maior que somente “navegar sem rumo” pelas redes sociais, inclusive, se somando a milhares de outras pessoas para fomentar a permanência e adesão ao isolamento social.

“Professora, tô sem internet!”: desafios da educação remota em tempos de pandemia

Mas, nem todo mundo é igual diante de um computador, porque os computadores não são iguais, o acesso à internet não é igual, a forma de se relacionar com os equipamentos (*hardware*) e com os programas (*software*) também são diferentes. O acesso à internet segue as mesmas regras do acesso ao capital, mesmo nos centros urbanos não é igual, e quando falamos do interior do país o cenário fica mais difícil ainda.

E como, na pandemia, a internet se transformou no fetiche do ato pedagógico, houve um colapso devido ao acúmulo de usuários; os provedores não estavam preparados para o grande número de acessos simultâneos; os sinais oscilavam e o que mais se ouvia é que a internet caía a todo o momento. Porém, a questão de fundo não é a qualidade do sinal da internet, mas sim como garantir o aprendizado dos estudantes nessa nova modalidade de ensino, que não era EaD (já que essa modalidade tem uma tradição no Brasil e cumpre certos ritos que não são os mesmos do ensino remoto) e que começou a ser chamado de ensino remoto ou presencial remoto, já que era síncrono, com a presença de todos em suas casas, mas conectados ao mesmo tempo. Vejamos os sete grandes desafios que se apresentaram nesse movimento:

Modalidade: nem todos os estudantes estão acostumados a assistir aulas online e nem todos os professores estão preparados para fazer *lives*. Em suma, ninguém recebeu, na sua formação inicial, na graduação para tornar-se professor/a, o conhecimento técnico necessário para dar aulas online, nem fazer *lives*, nem para ensino híbrido e remoto. Esse é um conhecimento que, de alguma forma, é externo a Academia e que, agora, está sendo cobrado como habilidade e competência necessária ao desempenho da função pedagógica. Assim, as adaptações de estudantes e professores é um processo lento, gradual e que vem se tornando efetivo, ao passo que vai se fazendo, semestre após semestre, o ensino e aprendizagem dos conteúdos.

Conexão ruim: no Brasil e, ainda mais, na periferia das cidades brasileiras, o sinal de internet que chega, tanto via cabo como *wi-fi* ou 4G, é precário e insuficiente, não sendo adequado a essa modalidade de ensino. Esse cenário se agrava quando falamos do acesso nas comunidades indígenas atendidas pela universidade, bem como suas escolas e trabalhos com o ensino remoto com as crianças pequenas. Além disso, não há uma política pública eficiente de acesso à internet de qualidade, com a banda larga necessária para garantir que as pessoas e, nesse tempo, especificamente, os estudantes e professoras tenham supridas a demanda de estudar e trabalhar com efetividade e garantir o aprendizado, mesmo à distância devido a pandemia. Fica explícito que as famílias de baixa renda não têm recursos suficientes para investir na contratação de serviços de banda larga para acesso doméstico, sendo essa uma forma de discriminação, de fundo social, inerente às sociedades capitalistas, com altos índices de desigualdade, como é o caso do Brasil e da América Latina (SOUSA SANTOS, 2020).

Equipamentos: uma das maiores descobertas da pandemia no que diz respeito à educação é que muitos estudantes só acessavam internet na universidade e na escola, e que a maioria só acessava via celular, não tinham computador, *tablet* ou *notebook* em casa. A falta ou necessidade de compartilhar os equipamentos para estudar prejudicou a dedicação que esses estudantes, trabalhadores de dia e acadêmicos à noite, tinham com o seu aprendizado. As escolas públicas não tiveram condições de prestar socorro às famílias, restringindo sua ação dentro do que foi possível, imprimindo os materiais para os alunos sem equipamentos adequados, enquanto as escolas privadas que atendem as famílias de classe média e alta, migraram para o online e seguiram tentando fazer o melhor para que os estudantes aprendessem.

Questão socioeconômica: os aspectos socioeconômicos, tão marcantes da sociedade brasileira, que se desdobram em questões educacionais, emergiram com muita força na pandemia. Muitas famílias e seus estudantes só tinham um computador em casa que era usado de dia pelos filhos (o que era um problema quando mais de um precisava usar ao mesmo tempo) e à noite pelos pais (geralmente universitários). Outro aspecto importante é a falta de um lugar adequado para estudar, distante das brincadeiras dos filhos, ou de modo que os pais entendam a importância dos estudos dos filhos (sem televisão ligada, rádio com som alto, visitas chegando e saindo, cachorro latindo). Isso fez com que muitos estudantes preferissem não abrir câmera e nem mesmo o microfone, por vergonha do seu lugar, sua casa, sua família.

Aproveitamento: se já era difícil garantir o aprendizado no ensino presencial, devido à diversidade de estudantes que temos dentro da sala de aula, com a pandemia e o ensino remoto e as *lives* é praticamente impossível mensurar o quanto estamos perdendo na qualidade do que é ensinado e aprendido, visto que o cenário é novo até mesmo para os especialistas na educação. O conjunto de distrações que o estudante tem em casa, a facilidade de ficar conectado com a câmera desligada “fazendo de conta” que está presente na aula remota, desenvolvendo outra atividade que lhe é mais atraente naquele momento e que prejudica o aprendizado do conteúdo que os professores estão trabalhando. Ao mesmo tempo, percebo um processo de flexibilização da avaliação numa expectativa de que a pandemia acabe para retomar o rigor acadêmico posteriormente.

Método: podemos afirmar que a maioria absoluta dos professores é de uma geração formada para o trabalho presencial, faz muito bem sua tarefa de lecionar em espaços pedagógicos diversos, mas não encontramos com consistência a “pedagogia online”, um método eficiente de como trabalhar, todos os dias, com os nossos estudantes. Embora tenhamos construído boas experiências, ainda fica um sentimento de fraqueza diante do cenário pandêmico e de que é preciso estabelecer um novo reencantamento dos professores com a profissão, agora focados em aspectos das tecnologias. Uma das maiores dificuldades foi a construção do envolvimento dos estudantes com os temas em estudo. No presencial, sempre se gasta um bom tempo para garantir a construção do sentido do que se estava estudando, já no remoto isso ficou um pouco comprometido, o que prejudicou também, por consequência, o aprendizado.

Falso domínio da técnica: antes da pandemia o discurso corrente era de que os professores estavam atrasados e os estudantes já estavam conectados ao seu tempo, todos de celular na mão, assistindo só YouTube em vez de televisão aberta, curtindo séries enquanto os professores ainda assistiam novelas, os estudantes dominavam a internet e nós professores nem sabíamos ligar um *datashow* sem a ajuda deles. Mas o que vimos é que em ambos os grupos temos os “descolados” e os “deslocados”, aqueles que sabem muito do que é necessário para as coisas funcionar e os que não fazem ideia do que é preciso fazer para garantir o mínimo na aula remota. O uso das tecnologias por parte dos estudantes está ligado centralmente ao entretenimento (navegar em redes sociais, games, entre outros) e não como instrumentos de pesquisa e buscas relativas ao estudo e para beneficiar o aprendizado ou problematização da realidade.

“Se inscreve no canal, clica no sininho, dá um like!”: possibilidades e perspectivas da educação pós-pandemia

A humanidade não será a mesma depois da pandemia e a educação, na esteira dessa mudança maior, também sofreu transformações irreversíveis. A abordagem tecnológica, que já estava presente, se exacerbou, de tal forma, que o uso de alguns recursos será permanente,

assim como, alguns que emergiram nesse tempo também vêm dando sinais de que vieram para ficar e se afirmam como um apoio importante no processo de engajamento dos estudantes e um colaborador decisivo no processo de ensino e aprendizagem. Assim, apresento abaixo quatro dessas possibilidades e algumas nuances de abordagem pedagógica de cada uma delas.

Pedagogia do Podcast: de professor a *profecast*.

O podcast é a mídia do momento e sua longevidade está prevista para, pelo menos, os próximos vinte anos, isso porque ele tem algumas vantagens em relação aos outros tipos de mídia de áudio existentes até hoje, a saber: a) ouvir os programas no celular a hora que for mais conveniente ao usuário; b) baixar os programas favoritos para ouvir off-line; c) fideliza os ouvintes pela qualidade e respostas às demandas dos ouvintes; d) produção gratuita em plataformas digitais na internet; e) qualquer pessoa pode iniciar um podcast agora mesmo baixando um aplicativo no celular; f) permite manter o sotaque regional e a abordagem de temas locais; entre tantas outras possibilidades que só tem limite na criatividade dos podcasters e dos professores que se debruçaram sobre essa forma de mídia (LUIZ, 2018; LANZETTA, 2021).

O cenário do podcast vem ganhando visibilidade nacional depois que as grandes empresas de comunicação têm produzido sistematicamente seus próprios podcasts, o que demonstra interesse do público e potencial de crescimento da audiência. Nos últimos tempos também tem se tornado marcante a aquisição, por parte das empresas de varejo (que nada tem a ver com podcast), de podcasts de grande audiência já consolidados, sinalizando que é a mídia que mais cresce e de maior potencial comercial nos próximos anos (PALMEIRA, 2021).

Se, a primeira vista, parece difícil fazer um podcast, logo nos impressionamos com a facilidade de trabalhar com essa mídia. Podcast é descomplicado, basta poucas tentativas para gravar um programa com um tópico importante do conteúdo da nossa disciplina, sendo impossível você ser ignorado como professor na escola ou universidade (BONTEMPO, 2020). Os demais programas vão surgir de uma breve lista dos temas centrais que vamos trabalhar e que já estão descritos na ementa, com alguns *drops* que servirão de ligação com a próxima aula. Há muitas formas de tornar o podcast um suporte produtivo para despertar o interesse e engajar estudantes.

A possibilidade pedagógica do podcast está em produzir pequenos áudios em formato de um programa de rádio que permite estabelecer com o estudante um processo de curiosidade e encantamento com o conteúdo da disciplina, aumentando o respeito deles com o professor e, ao mesmo tempo, fazendo com que os alunos estudem sem perceber que estão estudando ao realizar uma atividade que geralmente é identificada com o ócio, que é escutar música com o fone de ouvido. A nossa mudança de professores para *profecast* pode fazer toda a diferença na divulgação do nosso trabalho, no reencantamento dos estudantes com a nossa disciplina e garantimos, assim, o aprendizado daquilo que realmente importa aprender (BORGES, 2009).

Pedagogia do YouTube: de professor a *profetuber*.

É notável que a geração atual de estudantes abandonaram a televisão aberta para assistir seus vídeos sob demanda na plataforma do YouTube. Vários motivos levaram aos adolescentes e jovens a tomar essa decisão: a) qualidade da produção nos *youtubers* que melhorou muito ultimamente; b) escolha dos temas que quer assistir; c) disponibilidade de uma quantidade imensa de conteúdo por interesse; d) alternar entre vários temas de interesse no momento que desejar; e) identificação com o estilo de vida dos *youtubers* que são adolescentes e jovens também; f) interação via redes sociais a partir do YouTube, entre tantas outras.

Não é difícil de encontrar uma criança de dez anos que provavelmente não assistiu os tradicionais programas de televisão que marcaram a infância e a juventude dos pais, isso porque a geração atual está vivendo sobre a égide de outra matriz de leitura de mundo, com sonhos diferentes da geração anterior. Esse movimento de escolha prematura do conteúdo que querem consumir precisa ser percebida por nós professores e precisamos pensar formas de aproximar a prática pedagógica com a dinâmica do YouTube. Isso não significa uma adequação acrítica da plataforma como se ela fosse resolver todos os problemas pedagógicos da escola ou da universidade, mas uma

compreensão de que se não fizermos algo vamos continuar distantes dos estudantes e prejudicando o aprendizado deles.

Penso que podemos pensar a transição do professor tradicional para o *profetuber*, que seria o profissional que utiliza a plataforma do YouTube a seu favor e a favor do aprendizado dos estudantes, descobre sua “fórmula secreta” e potencializa o aprendizado (EVES, 2021). Uma das formas de utilizá-la é criando um canal (que é grátis) e armazenar aulas gravadas nesse tempo de pandemia e disponibilizar essas aulas como conteúdos introdutórios de turmas futuras ou até mesmo permitir que os estudantes revisem o conteúdo trabalhado através do vídeo em complemento ao que anotaram em aula no caderno ou escreveram num arquivo do computador. O *profetuber* não tem medo das tecnologias usadas pelos estudantes, ao contrário, se aproxima destas tecnologias para entender o que prende a atenção dos alunos para utilizar isso para melhorar o seu desempenho pedagógico, tornando-se, positivamente, um *superstar* na educação – escola ou universidade – não para uma projeção pessoal, mas para atrair a atenção, encantar os estudantes (STOKEL-WALKER, 2019).

Além disso, não é necessário criar e conduzir um canal no YouTube sozinho, essa tarefa possibilita a integração por áreas de conhecimento, compartilhando a responsabilidade na produção do conteúdo, realizando processos interdisciplinares e criando soluções coletivas para os problemas que são de todos. O segredo do YouTube é começar e ir desvendando como ele pode ser o espaço de um portfólio de conteúdos que antes se perdiam nas nossas aulas presenciais e agora ficam registrados para consulta futura, para acesso aberto aos estudantes e, até, que o grupo se torne mais popular e referência nessa nova metodologia de trabalho e de relacionamento com os estudantes, influenciando e tornando-os uma fiel audiência dos vídeos e da aula presencial (CANNELL; TRAVES, 2018; BURGESS; GREEN, 2018).

Pedagogia da Partilha: de professor a *profebook*.

Uma das formas de construirmos a nossa carreira como um professor de referência é demonstrar na prática a nossa qualidade e muitas atividades e produtos contribuem para isso, mas acredito que nenhum tem mais poder de consolidação que o livro. O livro, na educação, é uma espécie de fetiche, quem não tem um livro publicado é mais um na multidão, porque o livro demonstra capacidade de reflexão sobre a prática e de síntese.

Obviamente, que nem todos os professores vão escrever um clássico da educação e vender milhares de cópias, mas isso não pode servir de desculpa para produzir um material que sirva de base para as suas aulas, um material dinâmico, interativo, com espaço para a interação do leitor (que são os estudantes). Esse material são os e-books, amplamente conhecidos e que permite o professor criar o seu sem necessariamente precisar da ajuda de uma editora. Os e-books vêm se consolidando como uma nova forma de leitura na contemporaneidade e com o advento dos *smartphones* facilitou o acesso desse tipo de mídia (FLATSCHART, 2014).

Todo professor precisa ter um e-book que seja o foco central de sua atuação pedagógica para apresentar-se como uma autoridade diante dos estudantes. Muitas vezes os professores acabam vivenciando situações constrangedoras por não se preparar e não demonstrar aos estudantes sua autoridade que é o conhecimento (FREIRE, 2004). Assim, a produção de um e-book pode ser feita em casa mesmo, com os equipamentos que o professor tem, um arquivo no editor de texto gerado em PDF, basta para iniciar uma partilha de conhecimentos com os estudantes. Esse e-book pode ser com as ideias centrais da disciplina, com alguma reflexão mais profunda do tema das aulas, uma partilha de uma descoberta que não está nos livros didáticos da escola ou um artigo expandido de uma pesquisa acadêmica. Ao fazer isso o professor se transforma num *profebook*, se distinguindo dos demais que mantém formas tradicionais de abordagem dos conteúdos, tomando o e-book como uma forma de engajamento, interação e conectividade da relação professor-aluno.

Um e-book pode ter um grande impacto na relação do professor com os estudantes, pode compartilhar nos grupos de Whatsapp, no grupo do Facebook, projetado no *datashow* em aula, discutido em grupos, enfim, abre-se uma diversidade de possibilidade de como trabalhar com ele. A tendência de que no futuro os e-books se consolidem como a forma majoritária de leitura de livros e artigos vêm se afirmando cada vez mais, embora não sabemos ao certo quando isso vai

acontecer em definitivo. Hoje os e-books já são uma revolução na produção de livros e facilitam o compartilhamento de conhecimento nessa era digital que vivemos e que se afirmou durante a pandemia (PROCÓPIO, 2013).

Pedagogia do Engajamento: de professor a *facebookeir@*.

Hoje imaginar um professor que não tem rede social é como um professor dos anos 1950 não saber escrever de giz no quadro negro. Na prática, em breve, o professor que não dominar as tecnologias e as redes sociais será obsoleto e rapidamente substituído. Isso não é o prenúncio de mau agouro, mas uma constatação que é evidente que o professor precisa estar, cada vez mais, conectado com o seu tempo, para se aproximar dos estudantes, criar o engajamento necessário para que o aprendizado aconteça.

A relação professor-aluno se faz, hoje, muito, pelas redes sociais. Por isso, o professor ocupa um lugar de destaque no processo de ensino-aprendizagem quando se relaciona de forma mais efetiva com os seus estudantes. A tarefa de educar já extrapolou o espaço da sala de aula e o tempo da aula, as redes sociais ocupam boa parte do tempo dos estudantes que usam *smartphones* e isso pode ser usado a favor do engajamento dos alunos ao conteúdo que precisamos trabalhar nas aulas, sendo o Facebook o espaço virtual mais importante hoje, solicitando aos professores fazer essa transição de professor analógico para professor *facebookeir@* (TOMIO; BIHRINGER; TRIGO, 2018).

Uma das referências das redes sociais para ser usado com parceria forte no aprendizado são os grupos do Facebook. Lá se pode organizar por temática, atrair os estudantes de uma turma através de um convite particular, pode-se deixar o grupo e suas postagens no privado, criando uma verdadeira comunidade exclusiva fazendo com que os estudantes se sintam importantes ao participar, numa sinergia de trabalho colaborativo. Além disso, pode-se compartilhar arquivos no grupo, criar eventos especiais e abrir tópicos para que todos comentem – o que pode ser usado como fator de avaliação – gerando processos inovadores via as redes sociais (GUIMARÃES, 2018).

Outro potencial importante são os grupos de Whatsapp, onde o professor dá um indicativo claro aos estudantes de abertura para novas relações, mais próximas, mais íntimas, mais fortes entre o mediador do processo (o professor) e o conteúdo (o conhecimento). Os grupos de Whatsapp são uma realidade na vida cotidiana dos estudantes e isso pode ser convertido num catalisador do aprendizado dos estudantes, enviando arquivos, mensagens de áudio, de textos, vídeos e imagens, desde que de forma planejada pelo professor (RODRIGUES; TELES, 2019).

Tanto os grupos secretos do Facebook e do Whatsapp já funcionam muito bem como uma extensão da sala de aula, num movimento em que a escola, a universidade e o professor vão ao encontro dos estudantes, otimizando e facilitando o processo de ensino-aprendizagem (LOPES, 2018).

Se o foco das redes sociais é engajar os usuários, então, por que não fazer isso com os estudantes através de estratégias legítimas, academicamente rigorosas e afetivamente coerentes, ampliando o aprendizado colaborativo, interativo, para todas as fases da educação, desde a educação básica até o ensino superior (PORTO; SANTOS, 2014). Há também, vários materiais e artigos sobre o tema das redes sociais e seus potenciais pedagógicos, sendo necessário que os educadores se abram para se relacionar de forma efetiva e afetiva com os estudantes constituindo esse espaço como um lugar sério para ensinar e aprender (PHILLIPS; BAIRD; FOGG, 2021).

Considerações indicativas

Diante do exposto até aqui é importante uma síntese para que possamos deixar claro que não estamos vislumbrando que as soluções para uma pedagogia na pandemia sejam as *lives* e as redes sociais que o professor precisa aprender a usar em seu potencial pedagógico, mas demarcar uma posição que não nega a aula expositivo-dialogada e o encontro presencial como forma de produzir conhecimento e busca agregar uma postura profissional que está conectado ao *modus operandi* do mundo atua de forma crítica e inovadora.

Sendo assim, parece pertinente redizer algumas afirmações de forma sintética para

construir uma base de reflexão e diálogo com outros educadores. Também reforço que não acredito em solução mágica para os problemas complexos da educação, mas que se não nos enredarmos pelas teias das tecnologias da informação e comunicação, ficaremos fora dessa colcha de retalhos da vida cotidiana da escola e da universidade. Seguem a nossas considerações indicativas:

- Toda ação que mobiliza e garante o engajamento do estudante e que amplia o aprendizado, são válidos, independente se está ligado a um modo tradicional ou inovador. Não podemos, assim, dicotomizar o ato educativo, nem mesmo separar o que consideramos bom ou ruim, de acordo com nossa posição ideológica. Aprender e ensinar são práticas humanas e cada pessoa tem suas particularidades. Tanto educador como educando precisam valorizar a diversidade de práticas e formas diferentes de se relacionar com o conteúdo, garantindo um ambiente saudável e que, ambos, aprendam e ensinam mutuamente.
- Não podemos acreditar que, ao adquirir o conhecimento sistematizado, de forma dinâmica ou através de uma metodologia ativa, o estudante se tornará um sujeito crítico e não será cooptado pela ideologia liberal do mercado. Isso pode ser uma verdadeira ilusão, pois não basta o método ser crítico. Ao contrário, todo o processo precisa criticizar, ampliando a leitura de mundo dos estudantes, para que se tornem cada vez mais autônomos. Mas, para isso, é preciso conhecer vários pontos de vista e formas de ler a realidade para, assim, transformá-la.
- Precisamos ter cuidado para não cairmos no encantamento acrítico em relação ao trabalho remoto, às redes sociais e às tecnologias como um todo, como se fossem uma panaceia que cura todos os males da educação. Essa compreensão descontextualizada da realidade socioeconômica do país, aliás, pode gerar ainda mais desigualdade, no tocante ao acesso ao conhecimento e à mediação do professor para o uso desses saberes na perspectiva da cidadania.
- É possível educar criticamente e inovar processos pedagógicos via *lives* e educação remota, mas isso exige de nós educadores uma renovação de nosso arcabouço teórico-prático. Precisamos ficar atentos às novas aprendizagens necessárias aos novos tempos que vivemos, como inovar na sala de aula virtual, para não repetir velhas práticas ultrapassadas e conservadoras, diminuindo o interesse dos estudantes pelas aulas e comprometendo o aprendizado.
- A qualidade do aprendizado dos estudantes poderá ser avaliado daqui alguns anos, tanto na capacidade de síntese ao final dos cursos como no mercado de trabalho. Mas é perceptível que a humanidade vivia um “normal” que era marcado pelo encontro, pela afetividade, pela relação intersubjetiva e nisso as *lives* e as aulas remotas ainda não conseguiram resolver.

Sendo assim, é preciso aguardar a pandemia passar e, no momento pós-pandemia, fazermos, de forma séria e comprometida, uma profunda avaliação das práticas pedagógicas, na escola e na universidade, para colhermos os frutos do que acertamos e corrigir o percurso daquilo que não funcionou, para reconstruirmos os processos de ensino-aprendizagem de forma crítica e inovadora. Esse é mais um desafio que se coloca diante da prática pedagógica de nós professores como sujeitos e protagonistas da educação.

Referências

ANDERSON, C. *Free - grátis: o futuro dos preços*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

BONTEMPO, R. **Podcast descomplicado**: crie podcasts impossíveis de ser ignorados. Patos de

Minas: Bicho da Goiaba, 2020.

BORGES, F. **Profcast**: aprender y enseñar con podcasts. Barcelona: Editorial UOC, 2009.

BRINGEL, B.; PLEYERS, G. (Orgs.). **Alerta global**: políticas, movimientos sociales y futuro en disputa en tiempos de pandemia. Buenos Aires: CLACSO; Lima: ALA, 2020.

BURGUESS, J.; GREEN, J. **YouTube**: online video and participatory culture. Cambridge: Polity Press, 2018.

CANNELL, S.; TRAVES, B. **Youtube Secrets**: the ultimate guide to growing your following and making money as a video influencer. Austin/Texas: Lioncrest, 2018.

COUTINHO, C. **Vídeos que vendem mais**: tenha resultados imbatíveis desvendando os segredos do videomarketing. São Paulo: DVS, 2020.

EVES, D. **The YouTube Formula**. New Jersey: Wiley, 2021.

FLATSCHART, F. **Livro digital etc**. Rio de Janeiro: iMasters, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: ANCA/MST, 2004.

GOLLOWAY, S. **Os quatro**: Apple, Amazon, Facebook e Google - o segredo dos gigantes da tecnologia. Rio de Janeiro: Alta Books, 2019.

GUIMARÃES, A. L. **Aprendizagem colaborativa e redes sociais**: experiências inovadoras. Curitiba: Appris, 2018.

LANZETTA, G. **Ouvindo vozes**: como criar um podcast de sucesso e ainda ganhar dinheiro com isso. São Paulo: Planeta, 2021.

LOPES, C. G. **Aprendizagem colaborativa na palma da mão**: os grupos de Whatsapp como extensão da sala de aula. Curitiba: Appris, 2018.

LUIZ, L. (Org.). **Reflexões sobre podcast**. Nova Iguaçu: Marsupial, 2014.

MOWAT, J. **Vídeo Marketing**. Belo Horizonte: Autêntica Business, 2018.

PALMEIRA, C. **Magazine Luiza anuncia compra da plataforma Jovem Nerd**. Publicado em 14/04/2021. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/mercado/215524-magazine-luiza-anuncia-compra-plataforma-jovem-nerd.htm> Acesso em: 20 jul. 2021.

PAZ, J. F.; ROCHA, R. S. Metodologias ativas, pensamento crítico e criativo e outras tendências para o ensino na atualidade. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 8, n. 41, 2021.

PHILLIPS, L.; BAIRD, D.; FOGG, B. J. **Facebook para educadores**. Disponível em: <https://educotraducoes.files.wordpress.com/2012/05/facebook-para-educadores.pdf> Acesso em: 27 jul. 2021.

PORTO, C.; SANTOS, E. (Orgs.). **Facebook e educação**: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

PROCÓPIO, E. **A revolução dos e-books**: a indústria dos livros na era digital. São Paulo: SENAI-SP, 2013.

RODRIGUES, T. C.; TELES, L. F. O uso de mensagens eletrônicas instantâneas como recurso didático. **Rev. Bras. Estud. Pedag.**, Brasília, v. 100, n. 254, p. 17-38, jan./abr. 2019.

SLEE, T. **Uberização**: a nova onda do trabalho precarizado. São Paulo: Elefante, 2017.

SOUSA SANTOS, B. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

STOKEL-WALKER, C. **Youtubers**: how YouTube shook up TV and created a new generation of stars. Kingston upon Thames: Canbury Press, 2019.

TOMIO, D.; BIHRINGER, K. R. B.; TRIGO, L. K. L. Professor@ facebookeir@ e seu desenvolvimento profissional docente em um contexto informal. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 13, n. 2, p. 540-554, maio/ago. 2018.

Recebido em 30 de julho de 2021.

Aceito em 14 de março de 2022.